

## MENTES QUE BRILHAM

Texto extraído da revista NATIONAL GEOGRAPHIC

Em 1977, a psicóloga Irene Pepperberg resolveu descobrir o que passava pela cabeça dos animais. Para tanto, decidiu conversar com eles. Começou levando ao laboratório um papagaio cinzento com um ano de idade, a quem batizou de Alex, a fim de ensiná-lo a reproduzir os sons da língua inglesa. “Imaginei que, se ele aprendesse a se comunicar, eu poderia lhe perguntar como ele via o mundo.”

Quando Irene iniciou seu relacionamento com Alex, que morreu em setembro do ano passado com 31 anos, muitos cientistas consideravam os animais incapazes de qualquer tipo de pensamento. Eles não passavam de máquinas, robôs programados para reagir a estímulos, mas desprovidos da capacidade de pensar ou sentir. Bem, qualquer pessoa que já teve ou tem algum animal de estimação discordaria. Reconhecemos o amor no olhar de nossos cães, e é óbvio para nós que eles têm pensamentos e emoções. No entanto, o fato é que ninguém provou isso de maneira incontestável. Por mais forte que seja, a intuição não se equipara a uma conclusão científica, e não há nada mais fácil do que projetar pensamentos e emoções humanas em criaturas de outras espécies. De que modo, então, um cientista prova que um animal tem capacidade de pensar – ou seja, que ele é capaz de obter informações a respeito do mundo e agir em função disso?

“Foi isso o que me levou a realizar o estudo com Alex”, comentou Irene. Ambos estavam sentados – ela à mesa, ele sobre uma gaiola – no laboratório da cientista na Universidade Brandeis. O chão estava forrado de jornais velhos; nas prateleiras viam-se cestos com brinquedos coloridos. Era evidente que os dois formavam uma equipe – e, devido ao trabalho que realizaram juntos, hoje já não parece tão fantasiosa a noção de que os animais podem pensar. Certas habilidades são consideradas sinais típicos de capacidade mental superior: boa memória, entendimento de gramática e símbolos, percepção de si, compreensão de motivos alheios, imitação de comportamentos e criatividade. Pouco a pouco, por meio de experimentos engenhosos, os pesquisadores conseguiram documentar exemplos de tais talentos em outras espécies. Os gaios *Aphelocoma*, por exemplo, sabem que outras aves da mesma espécie costumam roubar alimentos e que a comida armazenada corre risco de estragar; as ovelhas conseguem distinguir rostos; os chimpanzés usam várias ferramentas distintas para escarafunchar ninhos de cupim e até dispõem de armas para abater pequenos mamíferos; os golfinhos imitam posturas humanas. E o papagaio Alex revelou ser um conversador muito animado.

Trinta anos após o início das pesquisas com Alex, Irene e um sempre diverso conjunto de assistentes ainda estavam ensinando inglês ao pássaro. Os seres humanos, juntamente com dois outros papagaios mais jovens, também formavam o bando de Alex, proporcionando-lhe o ambiente de sociabilidade de que todos os papagaios necessitam. Irene comprou Alex em uma loja de animais em Chicago. Ela pediu ao atendente da loja que escolhesse a ave, pois não queria ouvir de outros cientistas, mais à frente, que havia obtido de propósito um pássaro especialmente inteligente para a sua pesquisa. Dado que o cérebro de Alex tinha o tamanho de uma noz com casca, a maioria dos pesquisadores não esperava muita coisa do estudo sobre a comunicação entre espécies, concebido por Irene.

Chimpanzés, bonobos e gorilas já participaram de experimentos nos quais aprenderam sinais e símbolos para se comunicar conosco, por vezes com resultados impressionantes. O bonobo Kanzi, por exemplo, costuma levar consigo sua pasta de símbolos a fim de “conversar” com os pesquisadores humanos, e chegou até a inventar combinações de símbolos para exprimir suas ideias. Todavia, ainda não se trata de nenhum animal que se volta para nós, abre a boca e diz algo.

Irene caminhou até o fundo da sala, onde Alex estava sentado sobre a gaiola. Ele interrompeu o que fazia quando a viu se aproximando e abriu o bico. “Quer uva”, disse Alex. “Ele ainda não tomou o café-da-manhã”, explicou a psicóloga, “por isso está um pouco irritado.”

Alex voltou a alisar as penas cinzentas enquanto um assistente preparava uma tigela com uvas, feijão, fatias de maçã e banana e um pedaço de espiga de milho. Sob a paciente tutela de Irene, Alex aprendeu a usar o aparelho fonador para imitar quase uma centena de palavras em inglês, incluindo os sons referentes a todos esses alimentos, embora ele prefira chamar

maçã (apple) de “ban-erry” (“ban-eja”), uma mistura de banana e cereja (cherry). “Para ele, o gosto da maçã lembra o da banana e, além disso, a maçã parece um pouco com a cereja”, explicou Irene. Alex conseguia contar até seis, e estava aprendendo os sons referentes a sete e oito.

“Tenho certeza de que já conhece ambos os números”, prosseguiu Irene. “Provavelmente vai conseguir contar até dez, mas ainda está aprendendo a dizer as palavras. Leva mais tempo para ensiná-lo certos sons de que jamais imaginei.”

Depois da refeição matinal, Alex voltou a cuidar das penas, mas sempre atento aos membros de seu bando. De tempos em tempos, inclinava-se para a frente e abria o bico: “Ssse... tom”.

“Muito bem, Alex”, disse Irene. “Sete. O número é sete.” Ele repetiu: “Ssse... tom! Se... tom!”

“Ele está praticando”, explicou ela. “É assim que aprende. Está buscando a melhor maneira de dizer a palavra, de usar o aparelho fonador para produzir o som correto.”

Parece um pouco maluca essa ideia, tanto de uma ave ser incentivada a exercitar-se como de ela se dispor a fazê-lo. Mas, depois de ouvir e observar Alex, fica difícil contestar as explicações propostas por Irene para tais comportamentos. Ela não lhe oferecia guloseimas como recompensa pelo esforço repetitivo, nem recorria a punições para fazer com que produzisse os sons. “Ele precisa ouvir as palavras inúmeras vezes antes de conseguir imitá-las corretamente”, explicou ela, depois de pronunciar “sete” uma dúzia de vezes em sequência ao papagaio. “Não estou tentando ver se Alex consegue aprender uma língua humana”, acrescentou ela. “Esse nunca foi o objetivo. Meu plano sempre foi o de usar sua capacidade de imitar com o objetivo de obter melhor entendimento do processo cognitivo das aves.”

Em outras palavras, como Alex era capaz de produzir boa aproximação do som de algumas palavras em inglês, Irene podia apresentar-lhe questões relativas ao entendimento básico que uma ave tem do mundo. Embora não tivesse como lhe perguntar o que estava pensando, ela podia interrogá-lo a respeito de seu conhecimento de números, formas e cores. Para demonstrar isso, levou Alex em seu braço até um alto poleiro de madeira no meio da sala. Em seguida, ela foi buscar uma chave e uma pequena tigela, ambas verdes, que estavam em um cesto na estante. Irene colocou os dois objetos diante do olho de Alex.

“O que é igual?”, perguntou ela.

Sem hesitar, o bico de Alex pronunciou uma palavra: “Cor”.

“O que é diferente?”

“Forma”, respondeu Alex. A voz da ave cinzenta tinha o tom digitalizado de um personagem de desenho animado. Como os papagaios não possuem lábios (outro obstáculo para Alex pronunciar alguns sons, como bei), as palavras pareciam vir do ar em torno dele, como se estivessem sendo ditas por um ventríloquo. No entanto, os termos – e o que só pode ser considerado como pensamento – eram exclusivamente dele.

Durante os vinte minutos seguintes, Alex repetiu seus testes, distinguindo cores, formas, tamanhos e materiais (lã, madeira ou metal). Também realizou operações aritméticas simples, como a de contar os blocos de brinquedo amarelos no meio de pilhas de blocos de outras cores. Por fim, como se quisesse oferecer a comprovação definitiva de que seu cérebro de ave era dotado de inteligência, Alex até mesmo emitiu uma opinião. “Fale direito!”, ordenou ele, quando um dos papagaios mais jovens que também estava sendo ensinado pela psicóloga cometeu um erro na pronúncia da palavra “verde”. “Fale direito!”

“Não banque o espertinho”, retrucou Irene, enquanto balançava a cabeça para a ave. “Ele já sabe isso e fica entediado, então interrompe os outros ou mesmo dá uma resposta errada só para ser do contra. Nessa etapa, ele se comporta como um filho adolescente; fica todo rebelde, e nunca sei exatamente o que irá fazer.”

“Quer ir árvore”, disse Alex com uma vozinha. Embora tendo passado a vida toda em cativeiro, ele sabia que, do outro lado da porta do laboratório, havia um corredor e uma grande janela dando para a copa verdejante de um olmo. Como ele queria ver a árvore, Irene estendeu o braço para levá-lo. E os dois seguiram até a janela, tomada pelos tons esverdeados da árvore.

“Bom menino! Bom pássaro!”, comentou Alex, balançando-se na mão de Irene.

“É isso mesmo, você é um bom menino, um bom pássaro”, respondeu ela e beijou-lhe a cabeça emplumada.

Ele foi um bom pássaro até o fim, e Irene teve a satisfação de poder informar que, antes de morrer, Alex conseguiu afinal dizer “sete”.

Muitas das habilidades cognitivas de Alex, tal como sua capacidade de entender os conceitos de igualdade e diferença, em geral são atribuídas apenas aos mamíferos superiores, sobretudo aos primatas. Mas os papagaios, tal como os grandes macacos (e os seres humanos), vivem por muito tempo em sociedades complexas. E, assim como os primatas, essas aves precisam acompanhar a dinâmica de relacionamentos e ambientes em constante mudança.

“Eles dependem da capacidade de distinguir cores; caso contrário, não saberiam quando uma fruta está verde ou madura”, observou Irene. “Precisam classificar as coisas – o que serve de alimento, o que não serve – e reconhecer as formas dos predadores. E o conceito de número é útil quando se precisa acompanhar o bando, saber quem está solitário e quem acasalou. Para uma ave que vive muitos anos, não dá para fazer tudo isso apenas com base nos instintos; é preciso haver cognição.”

A capacidade mental de dividir o mundo em categorias abstratas simples é algo que aparentemente seria útil para muitos organismos. Seria, então, essa capacidade parte do impulso evolutivo que desembocou na inteligência humana?

O revolucionário Charles Darwin, que tentou explicar como se desenvolveu a inteligência humana, estendeu sua teoria da evolução ao cérebro humano: tal como o restante de nossa fisiologia, também a inteligência deve ter evoluído de organismos mais simples, uma vez que todos os animais enfrentam os mesmos desafios gerais associados à vida. Eles precisam acasalar-se, encontrar alimento, orientar-se na mata, no mar ou no céu – tarefas que, argumentou Darwin, dependem da capacidade de resolver problemas e pensar por meio de categorias.

Para Darwin, era possível encontrar graus de inteligência por todo o reino animal. No entanto, a abordagem darwiniana da inteligência animal foi abandonada no início do século 20, quando os pesquisadores decidiram que as observações de campo não passavam de “anedotas”, quase sempre permeadas de antropomorfismo. Em um esforço para serem mais rigorosos, muitos adotaram a linha do comportamentalismo, que via os animais como pouco mais que máquinas, e concentraram seus estudos nas cobaias de laboratório. Mas, se os animais não passam de máquinas, como explicar o surgimento da inteligência humana? Sem a perspectiva evolucionária de Darwin, a maior capacidade cognitiva dos seres humanos não faz sentido em termos biológicos. Assim, lentamente o pêndulo deslocou-se do modelo do animal-máquina e retornou às ideias de Darwin. Agora, todo um conjunto de estudos sobre animais sugere que as raízes da capacidade de aprendizado são profundas, generalizadas e maleáveis.

Talvez o melhor exemplo da facilidade com que surgem novas habilidades mentais seja aquele proporcionado pelos cães. Quase todos os donos de cães costumam conversar com seus animais e não duvidam de que são compreendidos. No entanto, esse talento canino não foi plenamente valorizado até que um border collie chamado Rico apareceu em um programa da televisão alemã em 2001. Rico sabia distinguir o nome de cerca de 200 brinquedos e aprendia outros com facilidade. Pesquisadores do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, em Leipzig, ouviram falar de Rico e organizaram um encontro com o cão e seus donos. O resultado disso foi um relatório científico detalhando a surpreendente capacidade linguística de Rico, que conseguia aprender e lembrar-se de palavras com tanta rapidez quanto a de uma criança pequena. Outros cientistas haviam demonstrado que crianças de dois anos – que aprendem cerca de dez novas palavras a cada dia – dispõem de um conjunto inato de princípios que as orienta nessa tarefa. Essa capacidade é vista como um dos elementos fundamentais no processo de aquisição da linguagem. Os cientistas do Max Planck desconfiam de que os mesmos princípios guiam o aprendizado de Rico, e que a técnica por ele usada na aquisição de novos termos é idêntica à dos seres humanos. Na prática, porém, apenas dois outros animais – ambos border collies – revelaram capacidade equivalente. Um deles – batizado pelos pesquisadores de Betsy – entende um vocabulário de mais de 300 palavras.

“Até mesmo os nossos parentes mais próximos, os grandes primatas, não conseguem fazer o mesmo que Betsy – após ouvir uma palavra uma ou duas vezes, ela já sabe que aquele padrão acústico representa algo”, comenta a psicóloga cognitiva Juliane Kaminski. Ela e seu colega Sebastian Tempelmann haviam acabado de chegar à casa de Betsy, em Viena, para aplicar nova bateria de testes.

“O entendimento pelos cães das formas humanas de comunicação é algo novo que vem evoluindo”, diz Juliane, “algo que se desenvolveu neles em função de sua longa associação com os seres humanos.” Embora a psicóloga ainda não tenha realizado experimentos com lobos, ela duvida de que tenham a mesma capacidade linguística. “Talvez esses collies sejam especialmente bons nisso porque são cães trabalhadores e motivados. Em suas tarefas tradicionais de pastoreio, eles precisam entender muito bem as orientações de seus donos.”

Segundo os cientistas, os cães foram domesticados há cerca de 15 mil anos, um tempo relativamente curto para o desenvolvimento da capacidade linguística. No entanto, o quanto ela é similar à dos seres humanos? No caso do pensamento abstrato, nós recorremos a símbolos, nos quais uma coisa representa outra. Os experimentos de Juliane e Tempelmann têm como objetivo comprovar se os cães também são capazes disso. A dona de Betsy – cujo pseudônimo é Schaefer – chama a cadela. Quando Schaefer fala, Betsy balança a cabeça de um lado para o outro, indicando que está prestando atenção. Juliane então entrega a Schaefer algumas fotos coloridas e pede-lhe que escolha uma delas. Cada uma das imagens mostra um brinquedo para cães fotografado diante de um fundo branco – e todos são brinquedos que Betsy jamais viu. Será que Betsy conseguirá associar uma imagem bidimensional a um objeto tridimensional? Schaefer então seleciona a imagem de um frisbee multicolorido e a mostra a Betsy, para que ela vá encontrá-lo. Após examinar a foto e o rosto de Schaefer, Betsy corre até a cozinha, onde o frisbee havia sido colocado entre três outros brinquedos e fotos de cada um deles. Todas as vezes, Betsy leva a Schaefer ou a foto do frisbee ou o próprio brinquedo. “Não teria sido nenhum erro se ela tivesse trazido apenas a foto”, comenta Juliane. “Mas acho que Betsy pode usar uma imagem, sem qualquer nome, para encontrar um objeto. Seja como for, serão necessários muitos outros experimentos para provar isso.”

Ainda que os realizasse, Juliane não tem certeza de que os outros cientistas aceitariam suas conclusões, pois a capacidade de abstração de Betsy, por mais restrita que nos pareça, assemelha-se demais ao pensamento humano. Afinal, continuamos sendo a espécie mais criativa de todas. Nenhum outro animal construiu arranha-céus, escreveu sonetos ou inventou computadores. No entanto, os pesquisadores dizem que a criatividade, tal como outras formas de inteligência, não surgiu do nada. Ela também é resultado de uma evolução. “Muita gente ficou surpresa ao saber que os chimpanzés faziam ferramentas”, diz o biólogo comportamentalista Alex Kacelnik, referindo-se às varetas que os chimpanzés usam para arrancar cupins do ninho.

“Mas as pessoas também pensavam: ‘Bem, considerando que eles têm os mesmos antepassados que a gente, não admira que sejam inteligentes’. Agora estamos encontrando esses tipos de comportamento excepcionais em algumas espécies de aves. E não partilhamos nenhum ancestral recente com as aves. A história evolutiva delas é bem diferente da nossa; o nosso último ancestral comum era um réptil que viveu há mais 300 milhões de anos.”

“Isso não é algo inconsequente”, prossegue. “Significa que a evolução pode criar formas similares de inteligência avançada mais de uma vez – que não se trata de algo exclusivo de primatas ou mamíferos.”

Kacelnik e seus colegas vêm realizando estudos sobre outra espécie inteligente, o *Corvus moneduloides*, um corvo encontrado nas matas da ilha da Nova Caledônia, no Pacífico. Esses corvos estão entre as aves mais competentes na criação e no uso de ferramentas, produzindo sondas e ganchos de galho e caule finos com o objetivo de escarafunchar coroas de palmeira repletas de larvas gordas. Uma vez que essas aves, tal como os chimpanzés, criam artefatos, os pesquisadores podem tentar identificar as similaridades nos processos evolutivos que moldaram seu cérebro. Havia algo nos ambientes dessas duas espécies que facilitou o desenvolvimento de circuitos neurológicos adaptados à produção de ferramentas.

Também importa o modo como usam seus instrumentos: de maneira rígida e restrita ou de maneira criativa? É possível reconhecer nessas espécies aquilo que os pesquisadores chamam de flexibilidade mental? Esse certamente é o caso dos chimpanzés. Eles chegam a

usar até quatro varetas de tamanhos distintos para extrair mel de uma colmeia. Já no caso dos corvos-da-nova-caledônia – aves muito esquivas –, não é tão fácil responder a essa questão. Mesmo depois de estudá-los durante anos em condições naturais, os pesquisadores não conseguem dizer se a capacidade das aves é inata ou se aprendem a fazer e usar seus utensílios observando uns aos outros. Se for uma capacidade geneticamente determinada, conseguiriam os corvos, tal como os chimpanzés, ser inventivos e usar esse mesmo talento de outra maneira?

A fim de descobrir isso, Kacelnik e seus alunos levaram 23 corvos, de idades variadas (e todos, com uma única exceção, capturados na natureza), ao aviário que mantinham no laboratório em Oxford e ali permitiram que se acasalassem. Quatro filhotes foram criados em cativeiro, e todos foram mantidos afastados dos adultos, de modo que não tivessem nenhuma possibilidade de ensinar-lhes algo a respeito de ferramentas. Todavia, logo após terem trocado as penas, todos eles recorriam a galhinhos para escarafunchar frestas e construíam ferramentas de diferentes materiais. “Agora sabemos que, pelo menos, as bases do uso de instrumentos são herdadas”, comenta Kacelnik. “Portanto, a questão que se coloca é: o que mais conseguem fazer com esses instrumentos?”

Muita coisa. Em sua sala, Kacelnik exibe o vídeo de um experimento que fizera com um dos corvos capturados na natureza, Betty, que morrera pouco antes, devido a uma infecção. No filme, Betty voa para dentro de uma sala, e imediatamente localiza o equipamento de teste à sua frente: um tubo de vidro com um pequeno cesto colocado em seu centro. No cesto havia um pedaço de carne. E dois pedaços de fio tinham sido colocados na sala. Um deles foi dobrado em forma de gancho; o outro permanecia reto. Os pesquisadores imaginavam que Betty iria escolher o gancho para tirar o cesto de seu suporte. Mas nem sempre os experimentos correm como previsto. Outro corvo acabou se apossando do gancho antes que ele fosse achado por Betty. Ela, no entanto, não se atrapalhou. Fitou o pedaço de carne no cesto e, em seguida, percebeu o pedaço de fio reto. Após agarrá-lo, prendeu uma das pontas em uma fenda no piso e, usando o bico, entortou a outra ponta até transformá-la em um gancho. Devidamente equipada, ergueu então o cesto e agarrou a carne.

“Significa que ela dispunha de uma representação mental do que pretendia fazer. E não há como negar que isso”, diz Kacelnik, “é um tipo importante de refinamento cognitivo.”

Esta é a grande lição das pesquisas a respeito da cognição animal: a de humildade. Não somos os únicos capazes de inventar, planejar ou observar a nós mesmos – não temos nem mesmo a exclusividade da arte de dissimular e mentir.

Os atos que visam o engano requerem forma complicada de pensamento, uma vez que se deve ser capaz de atribuir intenções a outra pessoa e prever o comportamento dela. De acordo com uma escola de pensamento, a inteligência humana evoluiu em parte devido à pressão da vida em uma sociedade complexa formada por seres calculistas. Chimpanzés, orangotangos, gorilas e bonobos – todos eles compartilham essa capacidade com os seres humanos. Em condições selvagens, os primatólogos já viram macacos esconderem alimentos do macho principal ou manterem relações sexuais sem que ele soubesse.

Também as aves são capazes de engano. Pesquisas em laboratórios mostram que os gaios *Aphelocoma californica* conseguem distinguir as intenções de outros pássaros e agir em função desse conhecimento. Um gaio que roubou alimento, por exemplo, sabe que, se outro gaio o vir ocultando uma amêndoa, é bem provável que ela seja roubada. Por isso, o primeiro gaio volta para esconder a amêndoa em outro lugar assim que o segundo se afasta. “Isso constitui um dos melhores indícios em outra espécie da capacidade de projetar a própria experiência”, diz Nicky Clayton, em seu laboratório e aviário na Universidade Cambridge.

Esse estudo, realizado por Clayton e seu colega Nathan Emery, é o primeiro a mostrar o tipo de pressão ecológica, como a necessidade de esconder alimentos para serem usados no inverno, que conduziria a uma evolução dessas habilidades mentais específicas. E, o que é ainda mais instigante, a pesquisa demonstra que algumas aves possuem algo que muitas vezes é considerado atributo exclusivamente humano. Os gaios *Aphelocoma*, por exemplo, parecem saber a quanto tempo esconderam determinado tipo de alimento, retornando a ele antes que se estrague.

Os psicólogos especializados em cognição humana chamam isso de “memória episódica”, e sustentam que ela pode existir apenas em uma espécie capaz de, mentalmente, voltar atrás no tempo. A despeito dos estudos de Clayton, alguns cientistas ainda se recusam a aceitar que os gaios podem ter tal capacidade. “Os animais estão confinados ao momento presente”, explica a psicóloga comparatista Sara Shettleworth, da Universidade de Toronto, no Canadá, querendo dizer com isso que eles não distinguem entre passado, presente e futuro tal como o fazem os seres humanos.

“Reunimos bons indícios de que os gaios se lembram do fato, do local e do momento em que foram realizadas determinadas ocultações de alimentos – e essa é a definição original da memória episódica. Mas agora os critérios foram alterados.” Essa é uma queixa recorrente entre os pesquisadores que lidam com animais. Sempre que comprovam alguma habilidade mental em certa espécie animal que lembra uma capacidade humana específica, os cientistas especializados em cognição humana mudam a definição.

No fim dos anos 1960, o psicólogo Louis Herman começou a investigar a capacidade cognitiva dos golfinhos-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*). Tal como os seres humanos, os golfinhos são sociais e cosmopolitas, sendo encontrados nos mais variados ambientes, das regiões subpolares às tropicais; também são eloquentes, e dispõem de recursos sensoriais especiais, como a ecolocalização. Na década de 80, os estudos cognitivos de Herman concentravam-se em um grupo de quatro golfinhos jovens – Akeakamai, Phoenix, Elele e Hiapo – no Laboratório de Mamíferos Marinhos de Kewalo Basin, no Havaí. Curiosos e brincalhões, os animais acabaram estendendo sua sociabilidade a Herman e seus alunos.

“Em nosso trabalho com os golfinhos, seguimos uma filosofia básica”, conta Herman, “a de que poderíamos estimular ao máximo o florescimento da inteligência deles, do mesmo modo que um educador tenta explicitar o pleno potencial de uma criança humana. Os golfinhos têm cérebro volumoso e complexo. Minha atitude foi: ‘Ah, então vocês têm esse cérebro maravilhoso? Vamos ver o que conseguem fazer com ele’.”

A fim de se comunicar com os golfinhos, Herman e sua equipe inventaram uma língua de sinais, feita com as mãos e os braços, que conta até mesmo com uma gramática rudimentar. Por exemplo, um movimento de bombeamento com o punho fechado significava “arco”, e os dois braços estendidos acima da cabeça designava “bola”. Um gesto de “venha para cá”, feito com apenas um braço, significava “levar”. Portanto, ao responder à frase “arco, bola, buscar”, Akeakamai empurraria a bola até o arco. Mas, se a ordem dos termos fosse alterada para “bola, arco, levar”, ele levaria o arco até a bola. Com o tempo ela aprendeu a interpretar sequências mais complexas, como “direita, cesto, esquerda, dentro”, solicitando que colocasse um frisbee à esquerda no cesto à direita. A inversão de “esquerda” e “direita” nas instruções faria com que Akeakamai também modificasse suas ações. E o golfinho conseguia cumprir tais ordens depois de ouvi-las uma única vez, revelando compreensão da linguagem.

“Os golfinhos possuem excelente capacidade fonadora”, acrescenta Herman. “Nossos estudos mostraram que eles conseguiam imitar sons arbitrários que produziámos no tanque deles, uma capacidade que talvez esteja vinculada à necessidade que têm de se comunicar. Não estou dizendo que haja uma linguagem dos golfinhos. Mas eles são capazes de entender as instruções novas que lhes transmitimos em uma linguagem ensinada; o cérebro deles tem essa capacidade.”

“Muito do que eles são capazes está entre aquelas coisas que as pessoas sempre duvidaram que encontrariam nos animais. Por exemplo, os golfinhos interpretaram corretamente, já na primeira ocasião, as instruções transmitidas pelos gestos de uma pessoa mostrada em uma tela de TV instalada em uma janela na parede do tanque. Eles reconheceram que as imagens televisionadas eram representações do mundo real, em função das quais podiam atuar como se fossem reais.”

E também imitaram prontamente o comportamento motor de seus instrutores. Se um treinador se inclinava para trás e erguia uma das pernas, o golfinho ficava de costas e levantava no ar a cauda. Embora a imitação já tenha sido considerada uma habilidade rudimentar, nos últimos anos os cientistas cognitivos concluíram que se trata de algo extremamente difícil, exigindo que o imitador componha uma imagem mental do corpo e da postura da outra pessoa para, em seguida, ajustar as partes do próprio corpo na mesma posição – ações que implicam uma consciência de si mesmo.

“Esta é a Elele”, comenta Herman, ao exibir um filme em que a fêmea seguia as instruções de uma treinadora. “Prancha, barbatana dorsal, toque.” Sem hesitar, Elele nadou até a prancha de surfe e, inclinando-se para o lado, nela apoiou a barbatana dorsal – um comportamento para o qual não fora treinada. Em seguida, quando a treinadora levantou os braços para cima, fazendo o sinal de “muito bem!”, Elele deu um salto no ar, guinchando e estalando de alegria.

“Ela adorava quando fazia a coisa certa”, diz Herman. “E adorava inventar coisas. Estabelecemos um sinal para ‘criar’ quando queríamos pedir a um golfinho que agisse como quisesse.”

Em condições naturais, os golfinhos, muitas vezes, sincronizam seus movimentos, como saltar e mergulhar ao mesmo tempo, mas os cientistas não têm ideia de como se comunicam para alcançar uma coordenação tão perfeita. Herman achou que, talvez, conseguisse desvendar a técnica com a ajuda de seus discípulos. Enquanto eram filmados, Akeakamai e Phoenix eram instigados a criar um movimento e a fazê-lo de maneira coordenada. Os dois golfinhos afastaram-se até a outra beirada do tanque, circularam juntos sob a superfície durante dez segundos e, em seguida, saltaram para fora d’água girando no sentido horário em torno do próprio eixo e espirrando água pela boca, todas as manobras sendo realizadas com perfeita sincronização. “Nada disso foi preparado de antemão”, conta Herman, “e nos parece algo absolutamente misterioso. Até hoje não descobrimos como eles fizeram isso.”

Agora jamais conseguirá. Akeakamai e Phoenix e os outros dois morreram em um acidente, há quatro anos. Com os golfinhos, ele conseguiu os vislumbres mais extraordinários já obtidos de compreensão da mente de outra espécie – uma espécie que até mesmo Herman descreve como “estranha”, dada a sua existência aquática e o fato de que os golfinhos e os primatas há milhões de anos seguiram linhas evolutivas divergentes.

“Eu adorava os nossos golfinhos”, diz Herman, “como qualquer pessoa que tenha um bicho de estimação. Mas era mais que isso. Esses animais eram nossos colaboradores, nossos colegas. Não tenho outro termo para eles. Eram nossos parceiros nessa pesquisa, conduzindo-nos por todas as habilidades de sua mente. Quando morreram, foi como se tivéssemos perdido nossos filhos.”

Herman tira então uma foto de seu arquivo. Nela, ele está no tanque com Phoenix, que apóia a cabeça no ombro do pesquisador. Ele está sorrindo e faz um movimento para abraçar a fêmea de golfinho, que tem a pele reluzente e prateada, olhos enormes e fascinantes, e ela também parece estar sorrindo, como sempre ocorre com os golfinhos. Naquele tanque, pelo menos naquele instante, é óbvio que havia uma ponte para o entendimento entre as espécies.